



Uma seleção de
reportagens da revista
Qualidade de Vida Especial
Cantos Gregorianos

Cantos Gregorianos

especial

CD
exclusivo

Uma trilha especial
com canções que
elevam o espírito

Vida em
clausura

Conheça como vivem os monges
beneditinos nos claustros do
Mosteiro de São Bento

Músicas Divinas

As origens e características do canto
gregoriano, uma arte singular que
propaga a fé cristã

Cantos Gregorianos especial 01
R\$ 12,90



7 898357 600485 >

Cantos Gregorianos

especial

Diretor editorial: Alessio Fon Melozo
Editor de arte: Daniel Brito

REDAÇÃO

Editora-chefe: Fabiana Oliveira
Editora: Isis Gabriel
Texto: Carine Portela
Arte: Fabrício Alencar e Elaine Vieira
Revisão: Elisabete B. Pereira e Sirlene S. Farias

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO

Fernando Badô (texto) e Rodrigo Rudiger (multimídia)

PUBLICIDADE

Cassetari Assessoria em Comunicação

EDIÇÕES ANTERIORES

Atendimento a jornalheiros: (11) 3217-2606
Canais de vendas: (11) 3217-2600
e-mail: vendas@digerati.com.br, fax: (11) 3217-2647
Site: www.lojadigerati.com.br

CONTATO

Redação: R. Haddock Lobo, 347, 12º andar, São Paulo
- SP, tel.: (11) 3217-2600, fax: (11) 3217-2617
e-mail: redacao.qv@grupodomo.com.br
Publicidade: (11) 3217-2627
e-mail: publicidade@grupodomo.com.br
Representante comercial em Salvador: Aura
Representações, tel.: (71) 345-5600, cel.: 9129-7792
Representante comercial nos EUA: USA-Multimedia,
tel.: +1-407-903-50000, Ramal: 222
e-mail: info@multimediausa.com
Marketing: (11) 3217-2600
e-mail: marketing@grupodomo.com.br
Circulação: (11) 3217-2719
e-mail: circulacao@grupodomo.com.br



**QUALIDADE
DE VIDA**

CANTOS GREGORIANOS ESPECIAL 01
é uma publicação do Selo Qualidade de Vida, de
propriedade da Digerati Com. Tec. Ltda.
(CNPJ: 01.107.519/0001-36)

Distribuidor exclusivo para todo o Brasil: Fernando
Chinaglia Distribuidora S.A. Tel.: (21) 3879-7766.
Impressão: Oceano Indústria Gráfica Ltda.

QUALIDADE DE VIDA É UM SELO DO GRUPO DOMO



Presidente: Alessandro Gerardi

Conselho editorial: Alessandro Gerardi, Luís Afonso
G. Neira, Alessio Fon Melozo, William Nakamura,
Jocelyn Auricchio

ANER
www.aner.org.br



04 Entrevista

D. João Evangelista, do Mosteiro de São Bento (São Paulo), fala sobre a forte relação da música e da fé para os beneditinos

06 Registro histórico

Acompanhe a história do canto gregoriano pelos séculos e veja quais são suas principais características musicais

10 Prática Musical

Conheça a trajetória de luta e consagração do Coral Gregoriano de Santos até se tornar um dos principais grupos de canto sacro do Brasil

12 Profissão de Fé

Desvende a rotina de devoção e trabalho dos monges no claustro do Mosteiro de São Bento, em São Paulo

Dom João Evangelista, 30 anos, ingressou na vida monástica aos 20. Até os 16 anos, quase não freqüentava a Igreja. Nessa idade, atendendo a um pedido de sua mãe, ele fez a Crisma e começou a ir à missa todos os domingos. Aquilo lhe fazia bem, mas àquela altura ele não se considerava um vocacionado à vida monástica. Chegou a servir o Exército, prestar vestibular, planejava casar e ter filhos... Tudo caminhava para um rumo bem comum à vida de qualquer jovem, então, depois de fazer um retiro de dois dias, as coisas começaram a mudar. A oração passou a ser algo mais forte e freqüente em sua rotina. Em 1995, ele conheceu o Mosteiro de São Bento e teve a maior certeza de sua vida: era aquilo que buscava. Hoje faz parte da comunidade beneditina e é um dos mais admirados cantores do coro do Mosteiro de São Bento da cidade de São Paulo.

Quantos monges compõem o coro do Mosteiro e como é a escolha daqueles que fazem parte dele?

Nossa comunidade tem mais de 40 monges e todos cantam, porque o coro não é simplesmente uma apresentação. É, na verdade, o momento em que a comunidade monástica se reúne para a oração. Então, não tem sentido deixar algum irmão de fora. Ainda que um cante um pouco melhor do que outro, não é a capacidade vocal de cada um que está em jogo.

E como os monges aprendem a cantar o gregoriano?

Nós passamos por uma preparação, fazemos técnica vocal. O canto gregoriano é bem diferente das músicas a que nossos ouvidos estão acostumados. Ele é modal e não tonal. Na verdade, não é fácil cantá-lo, porque há uma amplitude de notas muito grandes. Nós vamos do agudo ao grave muito rápido, os pulos de notas são grandes. Antes da missa, fazemos um ensaio de voz diário, para estarmos aptos a cantar o gregoriano. Há uma necessidade de educação da voz pela qual todos os monges devem passar.

Como são feitas as composições dos cantos?

Os cantos, na maioria, são trechos da Bíblia em latim. É uma melodia em função do texto. Necessariamente o latim porque ele apresenta uma ordem sintática diferente das outras línguas. Se o texto é traduzido para o português, eu acabo valorizando uma outra frase que o texto latino não valoriza. O latim faz com que o texto se apresente com mais força para o nosso espírito. Algumas composições são mais recentes, como o Credo, por exemplo, mas a maioria dos cantos data do século XII.

O cantor de gregoriano deve necessariamente ser um religioso?

Não, não é bem assim. O gregoriano é um canto difícil, que exige preparo, talvez por isso não seja um tipo de música muito cantado por aí. Na verdade, é difícil até se acostumar a ouvir o canto, quanto mais reproduzi-lo. Apesar de ser um tipo de música muito admirado, cantá-lo é um desafio maior que exige uma dedicação cotidiana. O gregoriano é considerado ainda hoje a música oficial da Igreja, mas não há qualquer restrição para que pessoas de fora dela o cantem.

O acompanhamento do órgão nos cantos gregorianos não os descaracteriza, afinal, em sua essência, eles eram cantados sempre "à capela"?

Eu diria que não. Não saberia lhe dizer quando o gregoriano passou a ser acompanhado pelo órgão, mas já na Idade Média houve muitas experiências que inovaram o modo de se cantar gregoriano. Acredito que ele permite algumas incursões que de modo algum o desvirtua. É claro que precisamos sempre ter equilíbrio e bom senso. O acompanhamento de instrumentos muito fortes, por exemplo, não seria adequado. O importante é que, sobretudo, o gregoriano permaneça sendo um momento de oração. †



Raízes de um canto sagrado

Conheça a história do canto gregoriano, desde sua formação até seu auge e decadência, e algumas de suas principais características

Por Fabiana Oliveira

O canto gregoriano é a forma mais antiga de música que sobrevive no Ocidente. Também conhecidas como cantochão, são as músicas dos serviços litúrgicos na Igreja Católica Romana. São canções vocais, compostas a partir dos textos bíblicos. Por isso, foram chamados com frequência de “uma bíblia cantada”. Ligado intimamente à liturgia, o objetivo das melodias do canto gregoriano é favorecer o crescimento espiritual em todos. Para os que os cantam é, sobretudo, um momento de oração.

O canto gregoriano surgiu com os primeiros cristãos que, sofrendo inúmeras perseguições, eram obrigados a realizar seus ritos em catacumbas. Ali sua sensibilidade e espiritualidade se transformavam em música. Em 313, quando o Imperador Constantino concedeu liberdade religiosa aos cristãos, todas as formas de culto mudaram. E em 391, quando a Igreja Cristã foi declarada Igreja do Estado do Império Romano, os cantores profissionais asseguraram que as melodias religiosas se disseminassem através de toda a nova Igreja.

O nome canto gregoriano surgiu como uma homenagem ao papa Gregório Magno (590-604), que fez uma coletânea de peças, publicando-as em três livros: *Graduale* (cantos solos e corais para todas as festas católicas); *Kyriale* (cantos para as partes fixas das missas); e *Antiphonale* (cantos, hinos e orações dos monges). Além disso, Gregório também iniciou a Schola Cantorum, um grupo de ministros que se dedicavam exclusivamente às basílicas romanas e que contribuiu enormemente para o desenvolvimento do canto gregoriano.

O auge

Durante o século VIII, o coração político da Europa Ocidental se moveu para o reino dos francos, o que teve repercussões também sobre a música da Igreja. Em 754, Pepino, o Breve, enviou o monge beneditino Chrodegang, bispo de Metz, a Roma. Chrodegang ficou muito impressionado pela liturgia nas missas papais, que estavam no seu cume artístico por aqueles dias. O bispo, sem dúvida, lembrava-se das tradições piedosas em Metz e persuadiu o Papa Estêvão II a acompanhá-lo à França para colocar as coisas em ordem.

Cantores romanos (entre eles, o famoso Simeon) seguiram o papa para o Norte, onde introduziram seu repertório. Os cantores francos imitaram seus colegas com grande criatividade: tomaram a estrutura melódica básica (Cantilena Romana) e acrescentaram algumas fórmulas tipicamente gaulesas. Esse processo resultou num incrível enriquecimento musical.

Na segunda metade do século VIII, a aproximação política entre o reino francês e o papado possibilitou um maior conhecimento da liturgia romana. A coroa francesa decretou, então, sua adoção em todo o reino. Nota-se nesse tempo que os primeiros registros escritos começaram a aparecer primeiramente na França, depois partiu para muito além de suas fronteiras. Apesar das diferenças gráficas, a uniformidade do conteúdo mostra uma leitura única de uma tradição inteira. Os textos (palavras e algumas notações musicais) escritos nos livros transformaram-se em um texto oficial de referência. O fascínio geral do canto romano

A importância do texto

O canto gregoriano se baseia antes de tudo sobre o texto. Suas raízes estão nos textos litúrgicos lidos em voz alta. A principal prioridade de qualquer cantor ou coro deve ser sempre a clareza e a inteligibilidade. As palavras, as sentenças e os constituintes são parte de um todo tem de ser cantadas daquele modo. Para garantir a pronúncia adequada, o canto gregoriano está ligado indissolivelmente ao latim.

com sua arquitetura modal passou a atrair os músicos gauleses que, então, utilizaram-no de uma maneira completamente diferente.

Inicialmente, os registros serviram como uma espécie de memória para garantir a performance e a interpretação adequada. Os tons musicais ainda eram ensinados “de ouvido”. Com o aumento gradual de indicações nos manuscritos, porém, houve uma diminuição no papel da memória oral. Em consequência, o canto gregoriano entrou em total decadência no final da Idade Média: os manuscritos oferecem pouco mais do que “uma sucessão pesada e maçante de notas quadradas”.

O resgate

No Renascimento o canto gregoriano foi redescoberto. As melodias foram “corrigidas” pelos estudiosos de música da Igreja, assim como as composições literárias, que são o texto oficial da liturgia romana. A forma que persistiu por 200 anos é conhecido como o “canto simples”.

O período de formação do canto gregoriano vai do século I ao VI, atingindo seu auge nos séculos VII e VIII. Já nos séculos IX, X e XI, princípio da Idade Média, começa sua decadência

A Abadia Beneditina de Solesmes, na França, entre Les Mans e Angers, foi pioneira na revitalização do canto gregoriano a partir de 1833. O enorme trabalho empreendido pelos monges resultou em publicações mais tarde declaradas livros oficiais da Igreja Católica Romana.

Canto de louvor

O canto gregoriano é geralmente utilizado a serviço das práticas litúrgicas: dos ofícios e da missa. Os ofícios consistem, basicamente, na entoação dos salmos cantados – desde a Idade Média – pelos monges nas chamadas horas canônicas, denominadas: matinas, laudas, primas, terças, sextas, nonas, vésperas e completas.

A missa, o ato mais importante da Igreja Católica, organiza-se em torno da Eucaristia. Depois de sucessivas adições e alterações, ela chegou a uma forma em voga até hoje. Assim, apresenta uma parte fixa, “o ordinário”, e outra parte, suprimível, ou executada de acordo com a época do ano litúrgico: “o próprio”.

Kyrie, Glória, Credo, Sanctus, Agnus Dei e Ite missa est ou Benedicamus Domino compõem o ordinário. Intróito, Gradual, Aleluia ou Tracto (este cantado durante a Quaresma), Ofertório e Comunhão compõem o próprio.

O fato de a missa variar muito, conforme a época litúrgica, explica o grande número de peças que compõem a coleção de cantos.

Tempos contemporâneos

Em 1994, houve uma “redescoberta” do canto gregoriano quando foi lançado pela EMI Records, em CD, um disco gravado há mais de 20 anos pelos monges do Mosteiro de Santo Domingo de Silos, norte da Espanha. O disco alcançou o primeiro lugar em vendas em vários países, atingindo a marca de cinco milhões de cópias vendidas.

Depois desse sucesso foram lançados vários CDs por monges ou corais leigos de várias partes do mundo. Apesar de o objetivo e características técnicas, por exemplo, permanecerem intactos, é importante dizer que as influências modernas, em dada medida, também atingiram essa música sacra. Admitte-se, por exemplo, o acompanhamento de instrumentos musicais, como o órgão, e os cantores não têm de necessariamente ter uma ligação tão estreita com a Igreja. †

Características

- É o canto oficial da Igreja Católica.
- O texto é em latim.
- A importância é dada ao texto e não à música (o objetivo é propagar a fé e não fazer um recital).
- É prosódico (um tipo de canto falado).
- Não há predominância de vozes, ou seja, é homofônico.
- As melodias são simples com pouca mudança de notas e uma tessitura menor que uma oitava.
- É monofônico (uma única linha melódica).
- É diatônico (escalas sem alteração cromática ou microtonal).
- É modal (escalas de sete sons, ligeiramente diferentes das nossas escalas).
- O ritmo depende das palavras, portanto é livre de fórmulas de compasso.
- É cantado “à capela”, isto é, sem o acompanhamento de instrumentos.
- Não há preocupação com a dinâmica.
- O andamento, geralmente, é lento.
- Os compositores são anônimos.



Paixão pela música sacra

Por Fernando Badó

Conheça o Coral de Santos, um dos mais antigos grupos de canto gregoriano do Brasil e que, hoje é uma das principais referências de música sacra do país

Em Santos, um grupo de amigos, formado em sua maioria por ex-seminaristas, resolveu se unir em torno de uma única paixão: a música sacra. Sem grandes pretensões, mas com muita vontade, um coral foi formado. Em seus primeiros momentos, o grupo passou por muitas dificuldades, principalmente para a aquisição de obras gregorianas, até então, raras no Brasil. Durante as buscas, foram recuperadas algumas peças que, por incrível que pareça, haviam sido jogadas no lixo. Com o passar dos anos, e depois de muita procura, pode-se dizer que o Coral Gregoriano de Santos reuniu um respeitável acervo de músicas sacras.

Mas, ainda assim, o grupo não conseguia sequer apresentar-se em Igrejas Católicas, até que o frei Alexandre Tognoli tomou a frente do coral. Mais do que apoiar, Tognoli garantiu, pelo menos, uma apresentação mensal para o coro na paróquia do Embaré, a qual se tornou sede do grupo.

Quando as coisas pareciam se encaminhar, o coral sofreu um novo golpe: o falecimento do frei Alexandre, em 1975. Durante pouco mais de um ano, o grupo atuou sem uma base fixa, sob a direção do regente substituto, apresentando-se esporadicamente em cerimônias.

Mas no começo de 1976, o padre Joaquim Ximenez Coutinho assumiu a batuta e deu uma nova alma ao coral. Quatro anos depois, foi inaugurado um curso de canto gregoriano aberto ao público. Era o passo que faltava para marcar o nome do grupo na história da música sacra brasileira.

A consagração

Um divisor de águas na história do coral foi o recital de música sacra, em comemoração à festa de Nossa Senhora do Monte Serrat, padroeira da cidade de Santos. O espetáculo teve uma excelente receptividade por parte do público. O repertório mostrava a história da música de forma bastante original, o que valeu muitos elogios. Para os integrantes do Coral Gregoriano de Santos, a crítica positiva foi uma agradável surpresa, visto que a apresentação ocorreu fora do ambiente religioso. Desde então, o grupo tem participado de encontros de corais, concertos em igrejas e, a pedido de pessoas e entidades que ainda admiram e reconhe-

cem o canto gregoriano, tem atuado em missas e casamentos. A fama do Coral Gregoriano de Santos ultrapassou os limites da cidade. Além de se apresentar em cidades do interior e litoral paulista – e na própria capital do Estado –, o grupo marcou presença também em municípios mineiros.

De mãos dadas com a arte

Para substituir o padre Ximenes, impossibilitado de continuar no comando do coral devido a outras ocupações, o maestro José de Sá Porto assumiu o comando. Por sua iniciativa, o grupo passou a ensaiar em instalações da Universidade Católica de Santos. Com a criação da UNIARTE, pelo padre Waldemar Valle Martins, colega de seminário de vários integrantes, o Coral Gregoriano foi o primeiro grupo artístico convidado a integrar este departamento da universidade, dedicado à promoção da arte, nesta época Luís Carlos Peres já era o regente substituto.

A partir de então, com o aval e o apoio logístico da universidade, o coral ganhou novo impulso, e há mais de dez anos, apresenta-se na missa das 11 horas – no segundo domingo de cada mês – no Convento do Carmo e na Missa de Finados, da Memorial Necrópole Ecumênica. Além disso, há vários anos é convidado a cantar na Missa Comemorativa do dia de Santo Inácio, promovida anualmente pelos padres Jesuítas na FEI (Faculdade de Engenharia Industrial), em São Bernardo do Campo, região do ABC paulista.

Quando o maestro José de Sá Porto não pôde mais continuar regendo o coral, devido a suas múltiplas atividades, Constantino Bento assumiu o cargo apoiado pelo maestro Manoel Roberto Lopes, que se encarregou do repertório polifônico.

Novos integrantes são aceitos freqüentemente no coral, cobrindo a falta dos que faleceram (dos fundadores do coral, apenas dois estão vivos) sem perder o ímpeto de ampliar o repertório e de interpretá-lo sempre com fidelidade e grande dedicação e piedade.

Atualmente, cerca de 30 pessoas compõem o grupo e fazem de tudo para manter vivo o canto gregoriano, à espera de que novas gerações cultive esse estilo de música sacra, se não pela religião, que seja pela arte. †



Há mais de 10 anos, o Coral Gregoriano de Santos apresenta-se uma vez por mês no Convento do Carmo

Serviço

O Coral Gregoriano de Santos está aberto a novas inscrições. Basta comparecer aos ensaios, às quartas (20h) e quintas-feiras (20h30), em um anexo ao prédio da reitoria da Universidade Católica de Santos. Nenhuma taxa é cobrada. A única restrição é a de que o coral seja formado exclusivamente por vozes masculinas. Para mais informações, acesse www.gregoriano.hpg.com.br OU escreva para coral_gregoriano@bol.com.br.

CLAUSURA

Vida monástica: trabalho e oração

Silêncio e disciplina preenchem a vida dos monges de São Bento. Dentro dos claustros do mosteiro, eles dividem seu tempo entre trabalho e oração. Confira, a seguir, o que esse estilo de vida marcado pela humildade e pela sobriedade tem a ensinar

Seguindo a tradição beneditina, a Comunidade do Mosteiro paulista de São Bento vive de acordo com a Regra de São Bento, cujo lema é “*ora et labora et lege*” (“ore, trabalhe e leia”) desde a Idade Média. Essa máxima vem de encontro com uma aspiração fundamental da vida monástica: total entrega a Deus por meio da contemplação e da oração.

Carreira monástica

Quando o candidato entra no mosteiro, torna-se postulante: participa da vida corrente do noviciado e da disciplina comum de todos os monges. Nesse período, que se estende por até seis meses, ele conhece mais de perto o ritmo de vida ao qual terá de se adaptar.

Passada essa fase, pode ser admitido ao noviciado – tempo especial de aprendizado, em que tem a oportunidade de conhecer melhor a vida cristã e a tradição a que está se vinculando. É um período muito intenso de formação, que dura dois anos e inclui estudos acadêmicos, como teologia e filosofia.

Terminado o noviciado, o Irmão – como passa a ser chamado pelos membros da comunidade – deve fazer os votos monásticos por três anos: conversão dos costumes, obediência e estabilidade no mosteiro. O primeiro voto diz respeito à vida monástica em geral; o segundo, à obediência aos superiores e aos outros Irmãos; já o terceiro propõe dedicação exclusiva do monge a seu mosteiro de origem.

Ao término desses três anos, o Irmão pode deixar o mosteiro sem qualquer vínculo. Ou pode decidir professar novamente os votos, dessa vez em caráter perpétuo. Optando por permanecer nos claustros do mosteiro, ele estará permanentemente vinculado à vida monástica e à comunidade que o acolheu.

A disciplina

São Bento não pretendia formular uma regra monástica que primasse simplesmente pelo rigor da observância dos monges. Antes de tudo, ele pregava uma vida de sobriedade e humildade, cujo objetivo é chegar ao cume das virtudes e da contemplação.

Na comunidade monástica, os elementos mais notórios da rígida disciplina são os momentos em que os monges se reúnem ao

longo do dia para oração, nos horários de refeições, quando estão em silêncio em lugares específicos e após as chamadas Completas, a última hora canônica do dia, momento em que todos rezam em conjunto. O que mais impressiona, no entanto, é a clausura. “A vida nos claustros convida a pessoa a enfrentar suas dificuldades, buscando o crescimento espiritual. Se há necessidade, saímos, mas não é uma escolha que depende da vontade de cada um. Se podemos ficar no mosteiro, melhor”, explica o monge d. João Evangelista.

O trabalho

De acordo com estudiosos, um dos desejos de São Bento era que o monge encontrasse no mosteiro seu sustento, de tal maneira que se evitasse a saída habitual dos claustros monásticos. “O recolhimento facilita a busca pelo crescimento espiritual e nos aproxima de Deus”, diz d. João, que prossegue: “Aqui no mosteiro trabalhamos com educação, atividades administrativas, atendimento às pessoas, alguns projetos assistenciais etc. Os monges têm uma gama muito variada de trabalhos. Ocupações não faltam.”

A hierarquia

O regimento interno de um mosteiro beneditino é muito simples. Pode-se resumi-lo à organização de uma vida em comunidade sob uma Regra e um Abade. O abade faz as vezes do pai espiritual e superior na comunidade. O atual abade do Mosteiro de São Bento de São Paulo é d. Luiz Cesar de Proença. Cumprir com o encar-

go que recebeu é um grande desafio: servir aos temperamentos de muitos, moderar entre o afeto de um pai e o rigor de um mestre e, sobretudo, procurar antes ser amado do que temido.

Duas outras funções importantes na comunidade são a do prior, d. José Rodrigues Leandro da Costa, e a do subprior, d. Cláudio da Silva Correa. Os demais monges seguem a ordem monástica conforme a data em que ingressam no mosteiro. Em todos os casos, São Bento lhes prescreve a obediência mútua, em que os mais novos respeitam os mais velhos e os mais velhos amam os mais novos. Nesse espírito, os monges devem primar pela solicitude total e irrestrita, de modo que não façam nada que julguem melhor apenas para si, mas sim para o bem comum.

Teste vocacional

Antes de um candidato ingressar no mosteiro, ele passa por um processo de acompanhamento vocacional, que tem por objetivo checar sua vocação religiosa e, especificamente, monástica. “É preciso ter bastante segurança de que há vocação e de que o candidato está preparado para seguir o espírito e o ritmo de vida do mosteiro”, ressalta o monge.

A interiorização, por exemplo, não é algo que faz parte da vida cotidiana de algumas pessoas, mesmo cristãs, e para muitas pode ser um exercício penoso demais. Por isso, o espírito do vocacionado deve estar muito pronto para vencer essa tendência à dissipação. “Os monges entram em um mosteiro e têm de ficar nele para o resto da vida. Por isso, a decisão deve ser bem firme e consistente”, finaliza d. João. †

O dia-a-dia dos monges

Assim se divide o dia na comunidade monástica de São Bento, em São Paulo

5h	Hora de acordar
5h30	Ofício de Laudes
6h15	Meditação
7h	Santa Missa
11h45	Ofício da Hora Meridiana
12h	Almoço
17h25	Ofício de Vésperas
18h	Jantar – Em seguida, um momento de confraternização entre eles
19h	Ofício de Vigílias, em seguida, o de Completas; logo após, o silêncio monástico, que deve ser respeitado até o término da Missa do dia seguinte.

MOSTEIRO DA RESSURREIÇÃO

Ponta Grossa (PR)

Rodovia do Café, Km 5

Tel.: (42) 3228-0043

www.ressureicao.org.br

Missas com canto gregoriano

- Terça a sábado, às 6h30
- Domingo, às 10h

Hospedaria

- Tempo de permanência: até cinco dias
- Não é cobrada uma taxa fixa, os hóspedes devem colaborar de acordo com suas posses

Vale a pena conferir

- O famoso pão de mel fabricado pelos monges é vendido diariamente a R\$ 1,00
- Há uma pequena loja onde são vendidos produtos fabricados pelos monges, como pinturas e velas artesanais

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

São Paulo (SP)

Largo de São Bento, s/n – Centro

Tel.: (11) 3328-8799

www.mosteiro.org.br

Missas com canto gregoriano

- Segunda a sexta, às 7h
- Sábado, às 6h
- Domingo, às 10h

Vale a pena conferir

- Venda de produtos fabricados pelos monges, inclusive CDs de cantos gregorianos do mosteiro e as tradicionais guloseimas (no site há uma descrição detalhada dos alimentos e seus preços)

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Salvador (BA)

Tel.: (071) 322-4744

www.saobento.org

Missas com canto gregoriano

- Segunda a sábado, às 7h
- Domingo, às 10h

Vale a pena conferir

- No mesmo complexo do mosteiro, o visitante pode conferir o Museu de São Bento, com grande acervo de arte sacra, e a Biblioteca do Mosteiro, que conta com uma notável coleção de obras raras dos séculos 16, 17, 18 e 19
- Na lojinha, vendem-se principalmente artigos de São Bento: camisas, imagens, medalhas, terços e livros

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Rio de Janeiro (RJ)

Rua Dom Gerardo, 68 – Centro

Tel.: (21) 2291-7122

www.osb.org.br

Missas com canto gregoriano

- Segunda a sábado, às 7h15
- Domingo, às 10h

Hospedaria:

- A famosa Casa de Emaús, hospedaria do Mosteiro, tem 28 apartamentos, refeitório, auditório, salas de reunião, capela e jardins integrados ao bloco principal do mosteiro

- As despesas de hospedagem serão apresentadas mediante uma tabela ou por entendimento pessoal com a administração da Casa

MOSTEIRO DE SÃO BENTO

Brasília (DF)

SHIS QI 29, Ermida Dom Bosco, Lago Sul

Tel.: (61) 367-2949

www.msberto.org.br

Missas com canto gregoriano

- Segunda a sexta, às 6h15
- Sábado, às 7h15
- Domingo, às 10h

Hospedaria

- Com cerca de 70 acomodações disponíveis, a hospedaria aceita visitantes que queiram fazer retiros espirituais individuais, e cobra diária previamente fixada. Reservas devem ser feitas por telefone

Vale a pena conferir

- Uma vez por mês, os monges ministram palestras espirituais à comunidade
- Cursos de latim para principiantes e avançados
- Venda de medalhas, livros, terços e imagens, além de bolos e biscoitos feitos pelos monges